

FREDRIK BARTH\*

ETNICIDADE E O CONCEITO DE CULTURA\*  
TRADUÇÃO: PAULO GABRIEL HILU DA ROCHA PINTO

*Este texto explora a relação entre etnicidade e cultura, mostrando como os dois fenômenos se relacionam sem que possam ser reduzidos um ao outro. O autor argumenta que a cultura está em um contínuo fluxo estruturado e expresso nas interações sociais entre os agentes, o que gera processos de transformação e variação cultural dentro de todos os grupos sociais. Assim, a etnicidade não pode ser reduzida a conteúdos culturais homogeneamente distribuídos nos grupos e transmitidos entre as gerações. A existência do grupo étnico está ligada a fronteiras criadas e mantidas por relações de poder e processos de controle, silenciamento e apagamento das experiências pessoais que fujam ao modelo cultural reificado como definidor dele.*

*Palavras-chave: etnicidade; cultura; poder; conflito; paquistaneses na Noruega; Bósnia.*

---

\* Professor de antropologia na Universidade de Oslo (Noruega) e na Boston University (USA).

A justaposição do estudo da etnicidade no corrente debate na antropologia a um conceito de cultura constitui um esforço de elucidação de um problema por meio de outro. Em 1969, afirmei que a etnicidade representa a organização social de diferenças culturais. Desse modo, este conceito levanta questões sobre a constituição daquilo que chamamos de cultura, mas somente em relação à sua base. Em oposição àquilo que ainda constitui uma visão amplamente compartilhada, argumentei que os grupos étnicos não são grupos formados com base em uma cultura comum, mas sim que a formação de grupos ocorre com base nas diferenças culturais. Pensar a etnicidade em relação a um grupo e sua cultura é como tentar bater palmas com uma mão só. O contraste entre “nós” e os “outros” está inscrito na organização da etnicidade: uma alteridade dos demais que está explicitamente relacionada à asserção de diferenças culturais. Assim, começemos por repensar a cultura, a base a partir da qual emergem os grupos étnicos.

Nós, antropólogos, somos mais conscientes que os demais no que diz respeito à enorme variação global da cultura. Porém, como os demais, estivemos inclinados a pensar essa variação em termos da existência de uma multiplicidade de culturas diferentes e distinguíveis no mundo, sendo cada uma delas uma totalidade em si mesma. Se existem várias culturas no mundo, então devemos ser capazes de especificar onde está cada uma delas, o que as constitui e o que as unifica. Onde imaginamos que uma cultura está armazenada? Ela é algo formado por uma população, ou costumes, ou por todas as idéias compartilhadas pelas pessoas de uma tribo ou uma ilha? Onde está localizada essa unidade no espaço, tempo e pessoas?

Todos concordamos que cultura se refere a algo (tudo?) que é aprendido. Mais precisamente isso significa que cultura é induzida nas pessoas por meio da experiência – logo, para identificá-la, temos de ser capazes de apontar para essas experiências. Temos também de aceitar as seguintes implicações: que a cultura deve ser constantemente gerada pelas experiências por meio das quais se dá o aprendizado. Assim, temos de ter um foco – não para afirmar que a cultura é localizada em algum lugar, mas como uma forma de identificar onde ela está sendo produzida e reproduzida.

Convido-os a olhar para a cultura em termos globais e ver que ela apresenta não apenas uma enorme variação, mas também uma variação contínua. Compartilho algumas idéias com pessoas amplamente dispersas por todo o mundo, outras com meu vizinho mais próximo; e nenhuma outra pessoa no mundo possui um conjunto de idéias e conceitos –

cultura – idêntico ao meu. No entanto, a variação é contínua não no sentido de expressar todas as formas e possuir gradientes uniformes: existem descontinuidades mais ou menos abruptas, e agregados padronizados de algumas idéias compartilhadas ou em contrastes com outros. Ela é então caracterizada por uma continuidade complexa e padronizada. Porém o padrão não é – como ficaria implícito se falássemos em termos de uma multiplicidade de culturas locais – um mosaico de unidades delimitadas e homogêneas internamente. As idéias que compõem a cultura transbordam os seus limites e se difundem de forma diferenciada, criando uma variedade de agregados e gradientes.

Em segundo lugar, devemos pensar a cultura como algo distribuído por intermédio das pessoas, entre as pessoas, como resultado das suas experiências. Ao terem experiências semelhantes e se engajarem mutuamente em reflexões, instruções e interações, as pessoas são induzidas a conceitualizar e, em parte, compartilhar vários modelos culturais. Sugiro que um aspecto crucial das coisas culturais é a forma pela qual elas se tornam diferencialmente distribuídas entre pessoas e entre círculos e grupos de pessoas.

Em terceiro lugar, a cultura está em um estado de fluxo constante. Não há a possibilidade de estagnação nos materiais culturais, porque eles estão sendo constantemente gerados, à medida que são induzidos a partir das experiências das pessoas. Logo, argumento aqui que não devemos pensar os materiais culturais como tradições fixas no tempo que são transmitidas do passado, mas sim como algo que está basicamente em um estado de fluxo.

Todas essas características diferenciam claramente o objeto da cultura do objeto da organização social. Grupos sociais podem perfeitamente ter fronteiras bem definidas. Um grupo pode ser clara e categoricamente distinto de outro. Um grupo pode também ter uma participação interna uniforme, já que todos que compartilham uma determinada posição possuem direitos e deveres iguais. Além disso, os grupos podem ser estáveis, no sentido que a estrutura do grupo permanece sem mudanças através do tempo por meio de um padrão consistente de recrutamento, apesar da mudança e da substituição de pessoal. Em todos esses aspectos, o social apresenta propriedades distintas do cultural. Boa parte da confusão (e talvez também da importância premente) a respeito dos grupos étnicos surge dessa tensão entre a natureza dos grupos sociais e a natureza dos materiais culturais sobre os quais se baseia a definição de grupos étnicos como unidades sociais.

Ao falar nestes termos, estou fazendo uma leve simplificação da etnografia global. Já existiram, e ainda existem, alguns poucos lugares onde as continuidades se rompem. Quando os primeiros exploradores atravessaram o gelo e fizeram contato com os esquimós polares do norte da Groenlândia, eles encontraram pessoas que pensavam que o resto da humanidade havia perecido e que eles seriam os últimos humanos sobreviventes no mundo. Em outras palavras, eles representavam tanto um grupo isolado quanto uma cultura com fronteiras definidas. Isso era verdade naquela época. Não é mais verdade hoje. Porém conheço um lugar que parece ser assim hoje em dia. Nas Ilhas Andaman, na Baía de Bengala, existem os pigmeus de Andaman que vivem em comunidades que sobreviveram dispersas. A maioria dos andamaneses têm algum contato com o mundo, mas existe um grupo isolado em uma pequena ilha, chamada Ilha Sentinela.<sup>2</sup> Os membros desse grupo recusam qualquer contato com pessoas de fora. Alguns anos atrás, houve um artigo na *National Geographic* com uma foto magnífica deles na praia ameaçando e afugentando um pequeno barco que estava tentando atracar e fazer contato com eles. No entanto, existem poucos lugares como este. Nenhum povo consegue ou conseguiu manter este tipo de isolamento truculento em circunstâncias geográficas normais. A Ilha de Manhattan é muito mais típica da condição humana que a Ilha Sentinela, e isso tem sido verdade por muitos milhares de anos. Viver em comunicação em um lugar onde pessoas vêm e vão, interagem e se misturam com um grau considerável de pluralismo cultural é a condição normal da humanidade. Isso não é o resultado da modernização: todas as grandes civilizações através da história foram certamente caracterizadas por este tipo de pluralismo. A Ásia, a África, o Mediterrâneo, e amplas partes do Novo Mundo antes de Colombo, todos tinham essa característica.

Em um seminário anterior sobre Sanções Não-Violentas e Sobrevivência Cultural,<sup>3</sup> David Maybury-Lewis falou sobre grupos indígenas. Grupos indígenas são sobreviventes, em um sentido social, de populações que ocupavam a terra antes de alguns dos mais dramáticos confrontos e encontros de povos. As suas culturas, por outro lado, certamente não são aborígenes. Como David disse, ele poderia mostrar pessoas de vários grupos indígenas que possuem doutorado e que participaram de várias atividades que não podem ser definidas como aborígenes, assim como de intensa interação fora de seu grupo indígena. Ser um indígena não significa que você possui uma cultura indígena separada. Em vez disso, provavelmente significa que em alguns momentos, em algumas ocasiões, diz-se: “Essa é minha identidade étnica. Este é o grupo ao

qual desejo pertencer.” Também cultivam-se alguns sinais particulares que assinalam que essa é a sua identidade. Isso certamente significa que foram aprendidas algumas coisas que mostram uma continuidade cultural da tradição das prévias gerações da população indígena. Porém, essas idéias e habilidades, esse conhecimento, certamente não esgotam aquilo que foi aprendido, a cultura que uma pessoa controla.

Gostaria de insistir neste ponto e prosseguir lentamente de modo a nos livrarmos dos erros conceituais que tendemos a cometer, os quais podem distorcer nossa compreensão da natureza da etnicidade. Farei isso falando sobre a emergência de uma nova categoria étnica, a dos paquistaneses na Noruega. Há cerca de 30 mil paquistaneses vivendo como parte da sociedade norueguesa. A sociedade norueguesa era excepcionalmente homogênea, e esses trabalhadores imigrantes, que vieram do Paquistão a partir do final dos anos 1950 ou início dos anos 1960, pareciam bastante estranhos e anômalos para as comunidades norueguesas. Examinemos, agora, não a reação dos noruegueses a eles, mas a reação deles à Noruega e o que resultou da mesma. Começarei por um *pathan* que conheço, que veio do Paquistão no início dos anos 1960.

No Paquistão, os *pathans* são um dos vários grupos étnicos que periodicamente estão em conflito aberto uns com os outros. Durante anos, houve um movimento étnico pela independência de um Pakhtunistan livre; pela mídia jornalística atual, vocês devem estar familiarizados com os conflitos étnicos que acontecem em Karachi, nos quais os *pathans* têm participação. Logo, ser *pathan* no Paquistão é claramente ter uma identidade étnica distinta.

Assim, esse *pathan* veio para a Noruega bastante consciente de sua identidade. Ele chegou como um trabalhador imigrante. Claro que em tal situação se aprende muita coisa, muito rápido. Ele teve de aprender um pouco de norueguês, embora não perfeitamente. Conforme aprendia a língua, ele aprendia sobre a sociedade norueguesa. Teve de adquirir novas habilidades e novos saberes para conseguir um emprego, e ainda aprendeu mais coisas no seu novo local de trabalho. Sua concepção da sociedade norueguesa expandiu-se e mudou, e isso, insisto, é uma mudança na sua cultura. Não se trata apenas de uma questão de bilingüismo, aprender um pouco de norueguês e continuar sabendo uma língua *pashu* que não se modificou. Ao contrário, ele está aprendendo vários tipos de coisas que também mudam o que ele costumava saber. Ele reflete ativamente sobre sua posição na Noruega. Sua idéia sobre o que é ser um muçulmano se torna diferente do que era quando

ele vivia em uma sociedade muçulmana. Além disso, a idéia de ser “paquistanês” é uma idéia nova e em expansão. Ela aparece quando ele procura a companhia de outras pessoas que estão na mesma situação que ele, que podem apoiar uns aos outros em uma crescente camaradagem derivada do fato de serem todos paquistaneses na Noruega. Ele nunca tinha se considerado como sendo paquistanês antes, mas as antigas diferenças étnicas do Paquistão parecem bastante irrelevantes em contraste com a experiência que ele tem ao se confrontar com o que é ser norueguês. Ele está reagindo ao que está aprendendo, revendo e reestruturando muitas das coisas sobre as quais ele não tinha refletido muito anteriormente. Ele está descartando alguns dos seus valores prévios e cultivando outros de forma crescente. Em outras palavras, sua cultura total está passando por uma mudança e rapidamente se torna ilusório identificar uma parte dele como sendo moldada pela cultura *pathan* ou paquistanesa e outra parte dele como representante da cultura norueguesa que ele está aprendendo.

Depois de algum tempo, sua esposa se junta a ele na Noruega. Todavia, a experiência de uma mulher vivendo na Noruega é muito diferente da de um homem. Uma vez que ela teve a vida reservada a uma mulher, no momento em que chega à Noruega a sua cultura é, em um sentido bem concreto, diferente da de seu marido. Além disso, suas experiências de vida na Noruega são drasticamente diferentes daquelas de seu marido, tanto porque ela está tendo uma vida diferente, quanto porque ela está interpretando tudo em termos diferentes e próprios a ela. Enquanto ela está limitada de uma forma que ele não estava ao chegar, ele foi forçado pelas circunstâncias a fazer e aprender muitas coisas as quais ela não será exposta. Assim, esses dois *pathans* em Oslo têm diferenças no início que só se acentuam devido às diferentes experiências que eles acumulam. Eles têm filhos nascidos na Noruega, mas de origem paquistanesa. Essas crianças vão a escolas norueguesas e, presumivelmente, aprendem coisas que outras crianças norueguesas também aprendem. Eles moram em um bairro que, em parte, possui outros paquistaneses e, em parte, noruegueses. As crianças são expostas a enormes conjuntos de experiências de aprendizado que são amplamente diferentes daquelas de sua mãe e de seu pai, quando estes chegaram à Noruega.

Assim, as crianças dessa família vão crescer com uma “cultura” – um arcabouço de aprendizado, reflexão e experiência – que será diferente tanto da de sua mãe e de seu pai, quanto das demais pessoas. Quero ressaltar este aspecto de uma pequena família paquistanesa que, embo-

ra seja uma unidade de reprodução do grupo étnico paquistanês, não é uma unidade de reprodução de uma cultura compartilhada, mas, ao contrário, é uma combinação dinâmica de diferenças, contrastes e conflitos culturais. A mulher e o marido têm idéias diferentes sobre como fazer coisas e como se adaptar, e discutem sobre isso. As crianças são levadas para diferentes caminhos por suas distintas relações com seus entes queridos, interpretando as suas próprias experiências individuais e lidando com seus próprios problemas. Seus interesses e suas interpretações podem estar em oposição direta aos de seus pais em muitos aspectos, assim como podem estar se desenvolvendo em direções divergentes. Em outras palavras, este grupo é um “saco de gatos” de interesses e idéias conflitantes, interpretações equivocadas e mal-entendidos, assim como de diferenças culturais – bem no centro de uma pequena família elementar. O que acontece com tal família?

Em primeiro lugar, seus membros irão convergir e compartilhar a idéia de uma identidade paquistanesa. Eles moram em Oslo e possuem contatos comuns em uma crescente comunidade de paquistaneses, a maioria *punjabis*. O que costumava ser um contraste étnico evidente entre *pathan* e *punjabi* se torna irrelevante. Agora eles são todos paquistaneses na Noruega. Eles possuem uma nacionalidade e algum grau de características em comum que permitem justificar isso e, certamente, eles compartilham um elemento de contraste: eles são muçulmanos (embora com uma grande variedade de orientações e afiliações) no meio de uma maioria cristã. Eles experienciam ser estereotipados por outros membros da sociedade norueguesa. Afinal, quem se importa se você diz que é *pathan* ou *punjabi*? Você é um paquistanês! As pessoas procuram laços comunitários com outras que estão em posições similares à sua, e logo “paquistanês” como categoria étnica emerge das suas experiências de serem objeto de estereótipos, de estarem entre estrangeiros, de estarem no mesmo barco. Mas as bases culturais dessa identidade compartilhada são realmente bastante frágeis e limitadas, enquanto as diferenças internas são evidentemente ainda maiores que na pequena família que analisamos. Apesar disso, a experiência que parece ser inegável – embora baseada em eventos distintos entre adultos e crianças, homens e mulheres – é a de ser diferente dos outros noruegueses.

Vejamos como essa comunidade de paquistaneses se forma e afirma seus efeitos progressivamente. Alguns paquistaneses são mais bem-sucedidos que outros em se adaptarem ao contexto norueguês. Aqueles que são menos bem-sucedidos passam mais tempo dentro do seu círculo paquistanês e, portanto, tornam-se mais influentes para articular as

atitudes dominantes da comunidade paquistanesa. De fato, eles usam sua rede de solidariedade paquistanesa como uma forma de simplificar e construir uma auto-imagem mais positiva em um mundo problemático com o qual eles têm de lidar até certo ponto, mas do qual eles podem se refugiar em uma comunidade de paquistaneses. Este é o contexto em que se forma o mito central da etnicidade: o *non sequitur*<sup>4</sup> que afirma que se “nós” da identidade minoritária compartilhamos tantas diferenças em relação aos “eles” dominantes – em termos de situação de vida, preocupações e atitudes – devemos ser semelhantes uns aos outros, compartilhando uma cultura que reflita essas diferenças em relação a outra cultura.

A formulação de tal mito, e do grupo social que se guia por ele, também tem efeitos ulteriores. Volto aqui ao homem *pathan* com o qual comecei esta exposição. Antes que sua mulher tivesse vindo para a Noruega, ele não precisava se preocupar muito com suas identidades, contatos e pertencimentos, principalmente em relação à cultura. Ele podia circular como um indivíduo solitário entre os noruegueses e podia encontrar outros paquistaneses quando desejasse. Quando sua mulher vai para a Noruega, ele se encontra em uma situação diferente. Em primeiro lugar, porque ele se preocupa com o que ela pode aprender sobre a situação das mulheres na Noruega e suas idéias sobre os direitos e papéis relativos a cada gênero. Além disso, outros paquistaneses o pressionam a aplicar o tipo de controle que eles querem ver instituído sobre as mulheres. Que melhor solução que criar uma aliança com eles de modo a proteger seus interesses? Dentro da comunidade paquistanesa, as pressões coletivas são moldadas de modo a restringir o movimento das mulheres e controlar o que elas podem vir a aprender. Essas novas preocupações irão influenciar e mudar as posições que ele próprio tem em relação às idéias norueguesas que ele aprendeu.

A cultura está sempre em fluxo e em mudança, mas também sempre sujeita a formas de controle. Os principais processos criativos e expansivos de conhecimento e diversificação sobre os quais falei não são ilimitados na sua capacidade de produzir variação contínua. Vejo três processos contrários à variação que gostaria de ressaltar: os processos de controle, silenciamento e apagamento das experiências. A cultura que cada pessoa está acumulando e vivendo está em constante reformulação, não apenas devido à sua expansão, mas também por ser limitada e canalizada por esses três processos. Vemos isso de forma mais dramática nas crianças de origem paquistanesa nascidas na Noruega. Essas crianças obrigatoriamente vão para as escolas norueguesas, o que é ao mesmo tempo celebrado e visto com preocupação pelos pais. À medida



que experienciam a crescente distância e alienação que esse aprendizado e essas experiências produzem nas suas próprias crianças, os pais tentam controlar e minimizar o contato destas com a fonte do conflito. Muitos pais paquistaneses recusam-se a permitir que seus filhos tragam colegas noruegueses para casa ou que os visitem em suas casas. Experiências também são silenciadas: qualquer que seja o tipo de amizade dessas crianças com noruegueses na situação escolar, elas aprendem a não falar a respeito em casa, pois isso causa problemas. Não estou seguro sobre o efeito que isso tem na conceptualização de tais relações e experiências, mas, com certeza, deve ter um efeito. Finalmente, caso o silenciamento falhe, pode haver a necessidade de um apagamento ativo. Tomemos como exemplo a filha de uma família paquistanesa que vai à escola norueguesa e, como todos os alunos, tem aulas de educação física. As meninas, segundo as convenções paquistanesas, podem ser ativas e vivazes, não precisam ser desencorajadas a fazer ginástica. Porém, quando elas completam 10 ou 12 anos, tal atividade física não é mais apropriada, pelo menos do ponto de vista de seus pais. A imagem da filha deles, uma mulher em formação, dançando em um estado de nudez relativa é algo extremamente perturbador. A menina pode ter efetivamente gostado muito da atividade e acumulado uma avaliação favorável dela. Nesse caso, esta experiência positiva precisa ser apagada, e ela deve aprender que isso é ruim. A continuação da educação física para meninas é um ponto de atrito constante entre as autoridades escolares e a comunidade paquistanesa.

Ainda mais dramático, é claro, é o caso das amigas e paixões entre gêneros. As crianças não costumam avançar muito na escola antes de mostrar os primeiros sinais de paixões românticas. Como essas crianças norueguesas de origem paquistanesa lidam com essas questões? Seus pais mostram insatisfação diante da mais leve sugestão ou mesmo do pensamento sobre essas relações, e as dificuldades são inevitáveis. Para os meninos, o controle e o silenciamento entram em ação. No caso das meninas, pode resultar num desespero real, pois qualquer história que circule na comunidade paquistanesa a respeito de uma das filhas possuir um namorado norueguês manchará enormemente sua reputação e reduzirá seu valor no mercado matrimonial entre os paquistaneses. Inevitavelmente as notícias chegarão ao Paquistão e impedirão que se possa conseguir um casamento arranjado para ela. O que os pais podem fazer? Eles certamente não dão à menina nenhuma chance de refletir sobre a experiência, de falar sobre ela e de aceitá-la e aprender alguma coisa positiva a partir dela. Em vez disso, eles agem de modo a apagá-la, eliminá-la. Caso esta tática não tenha sucesso, a menina pode

ser mandada para junto de parentes no Paquistão, o que muitas vezes ocorre para prevenir esses perigos e não como resultado de um fato concreto. Algumas meninas, nascidas na Noruega e fluentes em norueguês e na cultura dominante, são mandadas para “casa” no Paquistão, para viver com avós ou um tio que elas talvez não conheçam, com uma passagem de ida, para descobrir, ao chegar, que não têm a permissão de voltar. As autoridades consulares norueguesas têm estado envolvidas em alguns desses casos, porque as meninas em questão conseguiram ter acesso e contar sua história a elas. Porém, em muitos outros assuntos, as autoridades norueguesas apoiaram os pais, controlando e silenciando com base na sua construção sobre a natureza e o significado das diferenças culturais e da identidade étnica.

Embora algumas formas pelas quais processos de experiência, aprendizado e interação, por serem potencialmente ilimitados, produzam um campo global irrestrito e realmente contínuo de variações, estes são contraditórios por processos sociais específicos de controle, silenciamento e apagamento. Esses processos sociais operam propiciando descontinuidades culturais e uma isomorfia relativamente maior entre o social e suas divisões, e o cultural com sua tendência inconveniente em transbordar, variar e misturar. O campo desordenado de variações e interrupções ocasionais das descontinuidades resultantes é adicionalmente distorcido em termos conceituais pelo mito da homogeneidade e compartilhamento cultural, de modo a permitir que ele ofereça um melhor mapeamento e justificativa para a construção das identidades sociais e dos pertencimentos ao grupo. Alguns itens particulares da cultura, preferencialmente organizados segundo idiomas contrastivos, são então selecionados como ícones dessas identidades contrastantes. Este é o modo pelo qual a variação cultural é mobilizada para servir de base dos grupos étnicos como fenômeno social. O pertencimento ao grupo étnico é construído sem referência à diversidade real da cultura, que atinge até o cerne da família nuclear, mas por meio de um mito exagerado de contraste e compartilhamento respectivamente. Isso é dramatizado por alguns emblemas culturais contrastivos e um certo grau de seleção, relatos históricos de situações nas quais grupos (e não “culturas”) entraram em confronto e praticaram injustiças uns contra os outros.

Todos somos parte dessas histórias e podemos ter dificuldade em nos distanciar das identidades convenientes que elas oferecem. Porém, chama a atenção o fato de que, dependendo de onde estamos e de que tipo de sociedade nos cerca, essas histórias diferem juntamente com a natu-

reza da etnicidade resultante. Não parece haver nenhum processo primordial identificável agindo na produção do mesmo tipo de grupo étnico em situações diferentes, mas sim o fato de que as circunstâncias específicas nas quais as identidades étnicas emergem variam tão amplamente, que os resultados são semelhantemente variáveis. Todas as generalizações feitas até agora foram comprovadamente simplificadoras e erradas.

## ETNICIDADE E AGENTES POLÍTICOS

O argumento acima dizia respeito principalmente à cultura, ao pluralismo cultural e aos processos sociais que moldam as sensibilidades étnicas, e menos às questões da etnicidade na forma pela qual elas são construídas pela mídia contemporânea que lida com conflitos atuais. Quando se fala de etnicidade na mídia ou em boa parte das ciências sociais, a atenção está estreitamente focalizada na politização desse campo de variação cultural dentro de certas estruturas do Estado moderno, ou seja, os conflitos étnicos na sua configuração contemporânea. Para lidar com essas questões, precisamos também de uma análise dos processos pelos quais certos tipos de líderes acionam identidades étnicas na ação política coletiva. Esses eventos contemporâneos são freqüentemente referidos como uma “retribalização”, impondo uma perspectiva histórica que os descarta como sendo, de certa forma, arcaicos e anômalos. Essa é uma das falácias plausíveis que David Maybury-Lewis mencionou no seu seminário. Creio que esse fenômeno não tem nada a ver com tribalismo e sistemas políticos pré-estatais – ao contrário, é uma resposta das pessoas a uma forma particular de organização estatal e às oportunidades políticas criadas por ela. Além disso, é importante reconhecer que a dinâmica da mobilização política em direção ao conflito com base étnica não é a expressão de sentimentos populares coletivos, mas resulta de ações estratégicas feitas por agentes políticos. Nossa habilidade em prevenir e reverter tais perversões das relações sociais em Estados culturalmente plurais depende da nossa habilidade em compreender essa dinâmica com alguma precisão.

Cruamente, diria que os conflitos que vemos hoje em dia resultam da ação de políticos de médio escalão que usam a política da diferença cultural para avançar suas ambições por liderança. As identidades étnicas são tentadoras para eles porque vêem nelas uma base política potencial, por assim dizer, a sua espera, sendo que tudo que eles precisam é achar uma chave para colocar o sistema em movimento. Os líderes procuram essas bases e as mobilizam, fazendo com que as diferenças culturais

contrastivas fiquem mais salientes, preferivelmente relacionando-as com ressentimentos e injustiças, estejam estas no passado ou se intensificando no presente. Eles mobilizam essas bases por meio da insatisfação, de modo a poderem guiá-las na direção de uma satisfação prometida. Eles se envolvem em políticas de confronto em que, na verdade, o apelo étnico de líderes ou candidatos em competição é de um tipo que piora constantemente o conflito e o contraste, porque, uma vez que se entra nesta trajetória, quanto mais se prova o seu próprio empenho à causa por uma retórica feroz, mais se conquistam apoio e autoridade. Cada candidato enfatiza a completa irracionalidade dos outros e dos limites da situação presente, de modo a afirmar o caráter necessário do apoio popular a ele, para que possa liderar seus seguidores à “terra prometida”. A emergência de tal onda de mobilização étnica também intensifica os processos de controle, silenciamento e apagamento das experiências, produzindo, assim, suas próprias pré-condições. Pessoas com uma rica rede de relacionamentos e experiências que se estendam para além do grupo étnico são informadas que tais coisas são proibidas, sem valor ou, pior, que elas não serão mais toleradas, pois devemos ser fortes e unidos para criar a força política necessária para atingir nossos objetivos particulares. Esses objetivos são formulados pelos agentes políticos como uma imposição. Não é dada ao indivíduo a opção de dizer, por exemplo: “Sim, eu quero acionar minha identidade étnica para este fim, mas não para aquele. Eu o apoiarei nesta política, mas não naquela.” Assim, o processo coletivo restringe dramaticamente a liberdade de ação e escolha. Blocos com programas fechados são criados, e escolhas incompatíveis são impostas. A diversidade de vivências e de escolhas das pessoas é reduzida até na sua vida privada, e as suas concepções sobre quem são ou o que poderiam fazer são limitadas e diminuídas.

Tone Bringa, uma colega antropóloga, deu início a sua etnografia em uma cidade da Bósnia, antes que os conflitos começassem. Os católicos podiam até se identificar como croatas, mas, na verdade, eles se pensavam como habitantes da cidade e não como parte da Croácia. Bringa viu o processo pelo qual a politização e a mobilização de grupos étnicos invadiram a sociedade local. Ela procurou mapear os processos que lá ocorreram.<sup>5</sup> Trata-se de uma daquelas tristes histórias de pessoas em uma rede de relações que ultrapassava a fronteira entre muçulmanos e católicos – uma fronteira entre categorias que conferia diferenças em termos de costume e identidade, mas que era colocada em dúvida pelos inúmeros materiais culturais compartilhados e por uma rede de relações que ligava intimamente as pessoas. Alguns casamentos mistos costumavam acontecer, existindo tanto padrões de comportamento nos

quais as pessoas lidavam com o fato de que rapazes e moças de diferentes categorias se apaixonavam, quanto um saber vernacular sobre como acomodar essas relações que cruzavam linhas de separação. Entretanto, os agentes políticos foram mobilizando progressivamente as pessoas. Elas foram colocadas em situações nas quais os jovens não tinham escolha a não ser optar por um dos lados. No entanto, as mulheres mais velhas na aldeia continuaram por muito tempo a trocar notícias sobre seus respectivos filhos e maridos, que estavam matando uns aos outros nas montanhas. Assim, comunidades complexas, que conviviam com um rico capital de pluralismo e diversidade cultural, foram destruídas.

Vale a pena enfatizar que este é um processo que se instaura em um contexto mais amplo de instituições estatais e internacionais, e não na ausência destas. No entanto, a mobilização étnica que ocorre em tais contextos não é necessariamente aquela do nacionalismo. Frequentemente grupos étnicos são mobilizados como facções em busca do controle do centro em um Estado multicultural, ou procuram sobreviver nas periferias de tais Estados. Os grupos étnicos podem ter projetos nacionalistas imputados a eles pelos seus agentes políticos e, subsequentemente, se direcionar na busca de outros fins, ou vice-versa. Em ambos os casos, as estratégias empregadas vão refletir as oportunidades e circunstâncias particulares de cada estrutura estatal dentro da qual elas são empregadas. Está-se tornando óbvio que esse tipo de mobilização étnica ocorre menos prontamente em Estados autoritários. Assim, não é coincidência que a Iugoslávia de Tito era um Estado mais unificado que na era pós-Tito, quando ela se desintegrou. Tampouco é coincidência que a União Soviética se manteve unida quando o terror estava no seu auge. O campo de ação dos agentes políticos de nível médio é muito maior onde a competição por liderança política é mais aberta e descentralizada. Isto faz com que bases políticas desorganizadas como as identidades étnicas se tornem mais atraentes e que sua mobilização seja mais factível.

Por outro lado, as estruturas estatais também podem estar diretamente baseadas em grupos étnicos. A estrutura multiétnica e multicultural clássica na Europa era, evidentemente, o Império Otomano com sua extraordinária organização de grupos culturais dentro de um sistema de divisão de trabalho que o englobava como um todo. Também existiam confrontos étnicos e “limpeza étnica” nesse tipo de estrutura, mas estamos começando a ver que sistemas mais democráticos de governo podem oferecer um campo mais amplo de rivalidades que pode levar a mobilizações e movimentos étnicos. Obviamente, o que chamamos de

democracias não são sistemas simples que expressam diretamente a vontade popular, são sistemas que são governados por meio de processos instituídos específicos que possuem um caráter populista. Elas oferecem um campo aberto para rivalidades e liderança política e, caso exista essa base de contrastes étnicos em termos de identidade que possa ser trabalhada, seguramente alguém irá usá-la. Às vezes, isso leva a uma inevitável escalada de contrastes entre essas bases políticas que estão emergindo na disputa pelo controle do Estado, ou pode levar ao separatismo.

Por fim, vamos refletir nas possibilidades de soluções não-violentas diante da intensificação étnica. Lembremos o exemplo dos paquistaneses na Noruega. Gostaria de lembrar a vocês os processos constantes que estão agindo naquela situação: processos contínuos nos quais pontes estão sendo constantemente construídas, fronteiras são enfraquecidas através de experiências e aprendizados que as ultrapassam, intensa variação cultural em nível individual, redes de relacionamentos que se tornam mais contínuas. Ao mesmo tempo também agem os processos de controle, silenciamento e apagamento que se contrapõem às conexões e criam descontinuidades. Se quisermos evitar uma escalada na situação, creio que esta é a chave da compreensão da dinâmica do fenômeno que devemos utilizar.

A questão é intervir nos elementos que permitem que a mobilização e a separação étnica tenham lugar – em outras palavras, atacar os mitos da cultura. Precisamos reduzir a importância da consciência que as pessoas têm dessas diferenças específicas e chamar a sua atenção para todas as outras diferenças cruzadas e interesses comuns que elas têm como indivíduos compósitos. Queremos criar arenas destinadas à negociação, onde se possa trabalhar a partir de interesses comuns e ir além, permitindo que os processos que criam pontes sejam produtivos e se imponham com menos restrições. Essa é a essência da barganha coletiva nas relações trabalhistas na Escandinávia. Não se começa com grupos opostos e tenta-se juntá-los. Começa-se com os pontos em comum. Pergunta-se quais são os interesses compartilhados pelas partes. Então, negocia-se para expandir os pontos em comum. Este é o procedimento oposto àquele empregado pelos agentes políticos que mobilizam grupos étnicos.

Logo, caso se esteja lidando com um conflito étnico, não se deve criar uma arena que permita que os líderes possam falar estritamente como representantes de bases políticas enquanto divulgam o que vão dizer para suas bases – isto só pode terminar em um impasse. O discurso deve ser definido de modo que ele não seja centrado nas distinções que mar-

cam a fronteira, mas sim em todos os outros interesses que não podem ser estruturados ao longo de uma única linha de confronto. Foi o que Roed Larsen<sup>6</sup> fez na sua mediação secreta entre palestinos e israelenses para romper o impasse nas negociações. Obviamente, é muito cedo para dizer se foi um esforço bem-sucedido, mas ainda há esperança. Em comparação com as negociações sobre a Bósnia<sup>7</sup> é possível perceber uma clara diferença. Os negociadores bósnios estavam presentes com seus símbolos e posições contrapostas, e as negociações tentavam uni-los. Essa técnica é oposta àquela que seria indicada pela dinâmica da etnicidade, a qual procurei expor aqui. Por mais frágeis e pouco reconhecidos que sejam os pontos em comum, é com eles que devemos começar, sempre pretendendo expandi-los progressivamente mediante a exploração de questões compartilhadas. Somente assim as dicotomias das fronteiras étnicas podem ser superadas, por meio do foco em vidas inteiras e na continuidade da variação cultural que atravessa a sociedade mais ampla.

## ABSTRACT

*This article explores the relation between ethnicity and culture. The author argues that culture is in a state of flux that is structured and expressed in the interactions between the social agents. This generates cultural variation within all social groups. Therefore, ethnicity cannot be defined as cultural stuff that is homogeneously distributed in a particular group and distributed across generations. The existence of any ethnic group is connected to boundaries created and maintained by power relations and processes of control, silencing and erasing of personal experiences that escape from the cultural model reified as its own.*

Keywords: *ethnicity; culture; power; conflict; pakistanis in Norway; Bosnia.*

## NOTAS

<sup>1</sup> Texto apresentado na Conferência “Rethinking Culture” (“Repensando a Cultura”) em 1995, na Universidade de Harvard.

<sup>2</sup> Sentinel Island.

<sup>3</sup> Nonviolent Sanctions and Cultural Survival Seminar.

<sup>4</sup> Inferência que não deriva das premissas; falácia [N. T.].

<sup>5</sup> BRINGA, Tone. *Being muslim the Bosnian way: identity and community in a Central Bosnian Village*. Princeton: Princeton university Press, 1995. [N.T.]

<sup>6</sup> Roed Larsen (1947- ), diplomata norueguês e professor de filosofia e sociologia nas universidades de Oslo e Bergen. Em 1981, Larsen fundou o Instituto de Ciências Sociais Aplicadas em Oslo, no qual lançou um projeto de pesquisa sobre as condições de vida dos palestinos em Gaza e na Cisjordânia sob ocupação

israelense. Os contatos feitos durante esta pesquisa lhe permitiram ser o mediador das negociações secretas entre a OLP e Israel que levariam à assinatura dos chamados Acordos de Oslo em 1993. Em 1999, ele foi nomeado Coordenador Especial das Nações Unidas para a Paz no Oriente Médio. [N.T.]

<sup>7</sup> A Guerra Civil na Bósnia opôs forças sérvias, croatas e muçulmanas de 1992 a 1995. [N.T.]